

## **As doulas e os rituais midiáticos<sup>1</sup>**

Renata ALCALDE<sup>2</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP.

### **Resumo**

Neste artigo propomos uma observação crítica de um fenômeno que vem crescendo no Brasil nos últimos anos: as doulas como figuras importantes na pauta do parto humanizado. Os objetivos deste artigo, além de falar sobre o protagonismo da mãe quanto à melhor forma de parir, é refletir sobre os rituais midiáticos que envolvem as doulas e questionar se podem ser a continuidade, a sustentação da identidade e do trabalho iniciado pelas parteiras, presentes na memória, enquanto cultura. Para compreender um pouco mais sobre este tema, o blog *Despertar do parto*, nos servirá como objeto para análise interpretativa. Dialogaremos com autores como: HALBWACHS (2004), LOTMAN (1996), NUNES (2001), RANCIÈRE, (2009); SCHECHNER (2002) e TURNER (1974).

**Palavras-chave:** Comunicação, Consumo e Memória; Parto Humanizado; Estetização; Doulas; Rituais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo no PPGCOM | ESPM/SP, desde fevereiro/2017. Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade de Marília, SP (2001); Graduada em Comunicação Social (PP, PUC/Campinas, dez. 2003). E-mail: renata.alcalde@espm.br

Historicamente, as mulheres sempre pariram com a ajuda de outras mulheres, conhecidas como parteiras. Embora ainda existam parteiras no Brasil, surgiram as doulas, a quem me refiro como uma ressignificação das parteiras.

A doula não é uma profissional da saúde. Porém, aponto aqui, artigos que lhe asseguram o exercício da profissão, segundo a Câmara dos Deputados<sup>3</sup> no Projeto de Lei Nº 8.363. O Congresso Nacional, no artigo 5º, decreta que:

A doulagem e suas atividades auxiliares somente podem ser exercidas por pessoas legalmente certificadas e/ou inscritas nas instituições de classe oficializadas, tais como associações, cooperativas e sindicatos com jurisdição na área onde ocorre o exercício. § 1º. A certificação da Doula será feita através de cursos livres, coordenados por Doulas e ministrados por estas e demais profissionais convidados, com carga horária mínima de 180 (cento e oitenta) horas, cujo currículo deverá abranger, obrigatoriamente, a atuação da Doula no ciclo gravídico puerperal.

Na sociedade atual, o acompanhamento de uma doula, onde as práticas de medicalização da gestação e de hospitalização do parto, muitas vezes inerentes à vontade da mulher, são frequentes, especialmente no que diz respeito à saúde mental da parturiente e de seu bebê, é considerado uma importante ferramenta contra intervenções cirúrgicas que impactam na saúde da mulher.

Na maioria das vezes, a doula é contratada quando a parturiente opta pelo parto humanizado. Sobre o movimento pela humanização do parto e do nascimento, [...] “É possível falar-se [deste movimento] no Brasil pelo menos desde o final dos anos 1980, década marcante do ponto de vista da organização de algumas associações de tipo não-governamental de atenção ao parto e ao nascimento”. (Tornquist, 2002, p. 483).

As mudanças hormonais causadas pela gravidez, bem como as incertezas e inseguranças sobre o desempenho que terá quando o bebê nascer, alimentam uma sensação de impotência e falta de controle na mulher. Nessa hora, nem sempre o apoio do marido (esposa), companheiro (a) e familiares são suficientes.

---

3

[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=562202286AF6DA2C3D4D20412CC58868.proposicoesWebExterno1?codteor=1596702&filename=Avulso+-PL+8363/2017](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=562202286AF6DA2C3D4D20412CC58868.proposicoesWebExterno1?codteor=1596702&filename=Avulso+-PL+8363/2017)

---

A mídia também exerce pressão sobre o momento da gestação, impondo parâmetros e textos anunciados e monitorados pela sociedade em geral, que, por vezes, desestabilizam a grávida. A auto cobrança aumenta. A parturiente quer ser a melhor esposa, ainda quer estar bonita e bem cuidada e, a que trabalha, busca sua melhor performance profissional; tudo junto e misturado.

Nesse cenário de vulnerabilidade, o afeto e os cuidados de uma doula fazem a diferença. Ela vai ajudar a mulher estimulando sua própria competência biológica, dando-lhe autonomia naquilo que só uma mulher sabe fazer, que é parir.

O serviço de doula pode ser considerado um produto da modernização neoliberal e era contratado, quando chegou ao Brasil, por pessoas provenientes da classe média-alta que, por sua vez, tem acesso ao mundo do consumo e alguns dos privilégios oferecidos por ele. Não entraremos no mérito da remuneração, de quanto custa esse serviço; nos ateremos apenas ao conceito de doulas como parte do processo de experiência de parto humanizado, como parte de um ritual.

Nesta descrição, as (novas) classes médias e o acesso ao consumo (capacidade de compra) transformam-se, portanto, praticamente em equivalentes funcionais em relação à análise da modernização capitalista. Não é de se estranhar, visto desta perspectiva, que as classes médias tenham se transformado em um ícone para falar das virtudes e dos custos da modernização neoliberal. (ARIZTÍA, 2016, p.20)

No Brasil, o trabalho das doulas voluntárias foi iniciado no Hospital Sofia Feldman, em Belo Horizonte, no ano de 1997 e reflete a elaboração e implantação das políticas públicas de saúde de humanização da atenção ao pré-natal, ao parto e ao puerpério. Mas, foi o Hospital da Mulher<sup>4</sup>, sediado em Alagoas, o primeiro do Brasil a contratar doulas pelo SUS.

Aqui, na maternidade, temos doulas contratadas pelo SUS com acesso ao ambiente de parto 24 horas. As etapas de preparação, quando a parturiente chega, envolvem uma triagem inicial para avaliarmos seu pré-natal, informarmos sobre os benefícios do parto normal e os métodos não-farmacológicos - a fim de garantirmos conforto emocional e físico para estabelecermos uma confiança mútua, com afeto e respeito

---

<sup>4</sup> <http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/31285-hospital-da-mulher-e-o-primeiro-do-brasil-na-contratacao-de-doulas-pelo-sus>

---

às individualidades e às necessidades da mãe, garantiu Eliza Barbosa, diretora-geral do Hospital da Mulher.

Quando uma doula é contratada, a negociação é feita entre ela e a gestante. Essa negociação inclui o tempo de serviços prestados. Algumas parturientes as contratam com 26 semanas de gestação e usufruem de seus serviços até as primeiras semanas do bebê já nascido. Quando a parturiente é oriunda do SUS, conta com doulas voluntárias que disponibilizam dias na semana, para esse suporte.

Os temas mais importantes tratados pelas doulas em ambos os casos são: fases do trabalho de parto, dor do parto, preparo do períneo, puerpério e outros, como a sexualidade da mulher após o parto e a solidão materna. Durante o trabalho de parto, a doula oferece informações sobre métodos não farmacológicos para o alívio das dores das contrações e do parto, dicas de posições de maior conforto para o trabalho de parto e para o parto em si, além da companhia constante e apoio emocional qualificado.

E quando falamos de emoção, falamos também de afeto. Afetos adquiridos, construídos e, às vezes esquecidos. Todos eles oriundos das memórias que, como muito bem definido por uma das pesquisadoras mais respeitadas neste campo, Jerusa Pires Ferreira, (2001, p.11), [...] “dão conta do registro, do entendimento, daquilo que se busca processar, desvelar, mas têm sido também rótulos que abrigam qualquer coisa, panacéia, e canteiros de equívocos. Afinal, sob o rótulo de memória cabe tanta coisa ...”

Um doula é a continuidade, a sustentação da identidade e do trabalho iniciado pelas parteiras, presentes na memória, enquanto cultura. Porém, hoje, tida pela parturiente como alguém que poderá dar suporte e suportar as memórias da dor (daquela que não é mãe pela primeira vez), da insegurança e do medo, e entregará seus serviços em forma de afeto.

[...] No fim da gestação, voltei a ter medo. Medo da dor, medo da morte, medo do desconhecido. E se eu não der conta? E se eu precisar de anestesia? E se algo der errado? Minha resposta ao medo foi me afastar de tudo que pudesse alimentá-lo e me cercar só daquilo que me fazia bem.

E, se na memória, como nos disse Jerusa, cabe tanta coisa, podemos entender que as doulas são as neo-parteias, ressignificadas pelo consumo. É o relembrar, o recordar, é o evocar da mulher pelo direito de parir e ser acompanhada por quem confia.

[...]Fui ver TV, porque TV dá sono. Jogo de futebol, primeiro tempo, segundo tempo, filme na sequência, seriado. Coliquinha danada. Resolvi olhar no relógio e ver a duração e intervalo das contrações. Percebi que elas estavam ritmadas e com pouco intervalo entre elas. “É... acho que você está em trabalho de parto” disse a minha anjo-doula Helena<sup>5</sup>.

Mais uma vez, as linhas escritas por Jerusa conseguem traduzir com precisão a memória como espaço de construção e reconstrução entre o passado, o presente e o futuro, no caso deste artigo, contados no puerpério, por meio de relatos em blogs, [...] “Há ainda a comentar a força da memória subterrânea, daquela que se desenrola como algum tipo de resistência ao que foi recalcado e perseguido” (p. 12).

Relatos que se fazem presentes porque são textos de linguagem, vivos, autênticos, legados de uma experiência sistematizados em códigos culturais que nos são transmitidos pela mídia. É fundamental que se procure dar conta do modelo pelo qual os textos de uma mensagem são produzidos e interpretados e, segundo BACCEGA (1998, p. 17)

[...] o sentido que eles têm no nível do enunciador e do enunciatário. Em outras palavras: em ambos os níveis – enunciador e enunciatário - haveremos de buscar as motivações, as intencionalidades, os interesses, as necessidades e, sobretudo, os condicionantes sociais presentes em um determinado segmento econômico, do qual fazem parte os interlocutores.

A proposta não é tratar a língua apenas como aquilo que nos difere como seres humanos; mas como um fenômeno presente em todos os aspectos culturais, organizando as relações sociais e todos os momentos fundantes da vida, como a maternidade, o nascimento e a morte. Afinal, somos seres de linguagem. Tudo que produzimos e recebemos é, simbolicamente, parte da cultura humana e nos ajuda a manifestar emoções, ideias, traumas e desejos.

Desse acervo simbólico decorrem os mitos e os ritos que ajudam o sujeito a se comunicar com seus pares e conectam o que se vive ao que se sente, os textos à

---

<sup>5</sup> <https://www.despertardoparto.com.br/blog---relatos-de-parto/o-nascimento-da-cecilia-relato-de-raquel-fialho-cougo>

---

subjetividade, a natureza à história. O rito traduz o mito do parto e tudo que o antecede, como uma história sagrada que se sobrepõem ao tempo e ao espaço.

Mircea Eliade (1972, p. 23) afirma:

O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva... O conhecimento dessa realidade revela ao homem o sentido dos atos rituais e morais, indicando-lhe o modo como deve executá-los. [...] A função mais importante do mito é “fixar” os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação, etc.

Moldamos nossa vida através de mitos que nos fazem voltar ao passado, por meio do tempo, um tempo que não para e que nos dá condição de projetar o futuro, validando nossas ações no presente. Ações que se transformam em ritos.

Dialogando com Turner (1974), sob o viés da antropologia, o conceito de ritual está implicado à atividade humana, por meio de simbologias e representações que, por sua vez, propiciam uma atmosfera ritual que se diferencia de uma cena cotidiana. Proponho pensarmos nos álbuns de fotografia que a parturiente contrata para registrar sua barriga-grávida e as mudanças do seu corpo centradas num cenário de felicidade, afeto e espera.

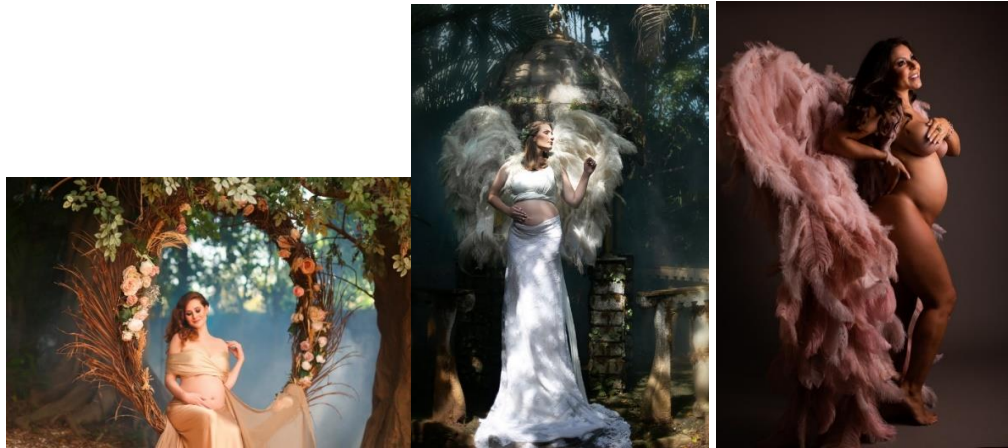
Lidi Lopes é fotógrafa<sup>6</sup> e mãe de 4 filhos. Quando usamos o *google* para buscar estúdios fotográficos especializados em parturientes e parto, é o nome dela que aparece nas primeiras buscas. Na *home* do seu *site* ela se apresenta como uma mulher realizada, que faz uso da fotografia para concretizar seus ideais e propósito de vida: transformar sonhos em realidade e contar histórias por meio de imagens. Grande parte das parturientes, com certo poder aquisitivo, não renuncia aos ensaios fotográficos que registram o que elas chamam de plenitude.

Esses álbuns já são considerados rituais midiáticos. O foco das fotografias é a barriga-grávida que aparece deslocada do corpo como uma metonímia de uma dádiva sagrada do feminino, uma experiência estética da gestação.

O conceito de ritual proposto por Turner se encaixa perfeitamente no trabalho da fotógrafa, quando vemos as imagens que reproduz das parturientes.

---

<sup>6</sup> <https://lidilopez.com.br/>



As imagens públicas e extraídas do site da fotógrafa mencionada acima, nos convocam a um olhar que vai da sensibilidade ao significado. Símbolos e signos decodificados, porém mitificados e ritualizados que retratam mães travestidas de princesas, esperando seus anjos, histórias subjetivas e muito conhecidas em obras literárias. No cenário das fotos percebemos a performance da parturiente despida de suas indumentárias sociais e envolvida na definição de ritual dada por SCHECHNER, em seu texto *O Que é Performance?*

Algo ‘é’ *performance* quando os contextos histórico e social, a convenção, o uso a tradição, dizem que é. Rituais, jogos e peças, e os papéis da vida cotidiana são *performances* porque a convenção, o contexto, o uso e a tradição assim dizem. Não se pode determinar o que ‘é’ *performance* sem antes referir às culturais específicas. Não existe nada inerente a uma ação nela mesma que a transforma numa *performance* ou que a desqualifique de ser uma *performance*. A partir da perspectiva do tipo de teoria da *performance* que proponho, toda ação é uma *performance*. Mas da perspectiva da prática cultural, algumas ações serão julgadas *performances* e outras não; e isto varia de cultura para cultura de período histórico para período histórico. (SCHECHNER, 2011, p.12)

*Performances* consistem de comportamentos duplamente exercidos, codificados e transmissíveis. Esse comportamento duplamente exercido é gerado através da interação entre o jogo e o ritual. De fato, uma definição de *performance* pode ser: comportamento ritualizado condicionado/permeado pelo jogo. (SCHECHNER, 2012, p. 49)

Ao partilhar o sensível, conceito definido por Rancière (2009, p.15) como [...] “o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum*



e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas”, os sentidos e as impressões sensoriais, forma-se o comum, a comunidade, os significados que regulam um certo imaginário coletivo.

No entanto, soma-se a este comum, as subjetividades e as experiências específicas de cada indivíduo. Podemos associar, a este conjunto de sentidos partilhados coletivamente, o que Maurice Halbwachs (1990, p.47) esclarece sobre a relação entre “memória coletiva e memória individual”: “Quantas vezes exprimimos então, com uma convicção que parece toda pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. Elas correspondem tão bem à nossa maneira de ver que nos espantaríamos descobrindo qual é o autor, e que não somos nós”.

Todo comportamento humano valida algo oriundo da memória coletiva, [...] “Rituais são memórias em ação, codificadas em ações” (SCHECHNER 2012, p. 49).



Se para Schechner, os rituais são construídos por memórias em movimento, falamos de muito mais que lembranças, falamos de acessórios, vestimentas, efeitos de imagem, cenários, corpos e todos os códigos utilizados num ritual. Alguns elementos são comuns nas fotos acima. Em primeiro lugar, o olhar das grávidas é um olhar direcionado, com alcance e destino certo, o corpo ereto aponta a barriga como sinônimo de força, a coroa na cabeça da parturiente da primeira foto e a carruagem da segunda transmitem poder, ao mesmo tempo e na mesma proporção que o laço sobre a barriga da primeira e no pescoço da segunda, devolvem a feminilidade de quem transporta um feto. Ambas dentro de um cenário que comporta castelos, rainhas, princesas e príncipes, culturalmente conhecidos.

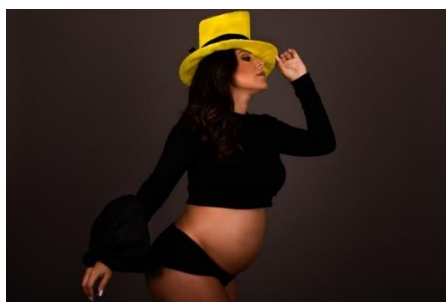
Nunes (2001, p.64) utiliza os semióticos russos Lotman e Uspenskii (1981) para reafirmar a ideia de que a cultura seria uma “memória longa da coletividade”, justamente pelo aumento expressivo e constante da quantidade de significados que são



transmitidos na cultura diariamente, ancorados em diversos suportes textuais (como as mensagens publicitárias). “Do ponto de vista semiótico, a cultura é uma inteligência coletiva e uma memória coletiva, isto é, um mecanismo supraindividual de conservação e transmissão de certos comunicados (textos) e elaboração de outros novos” (LOTMAN, 1996, p.157 *apud* NUNES, 2015, p.10).

Para esta teoria, de acordo com Nunes (2015), a memória é ratificada graças à longevidade e ao volume de textos em determinada cultura. “Os textos longevos são os que podem se manter constantes e, a longevidade dos códigos é mantida graças à capacidade de mudar, simultaneamente, conservando a memória dos estados precedentes”, expõe Nunes (2015, p.10), que reitera ainda que, estes textos “são dispositivos complexos que condensam variados códigos, guardam memórias, podem conservar-se, mas, da mesma forma, gerar novas mensagens e sentidos”.

O ensaio fotográfico é um rito, onde a parturiente deixa sua realidade diária e adentra no ato ritualizado, assumindo uma nova personalidade e performando aquilo que negociou com as intenções mais intensas de afeto.



Em virtude da natureza feminina, a barriga-grávida suscita um sentido de sagrado que é partilhado na memória coletiva da sociedade. Mesmo assim, se mostra, se expõe, não fica mais escondida; pelo contrário, sai do altar do sagrado e se revela, se publiciza, se torna moda. As poses performam corpos que, mesmo grávidos, sensualizam. O corpo

---

grávido, portanto, é um lugar de estetização dos significados da maternidade que podem ser plurais ou hegemônicos.

Apesar de tudo isso, quando uma mulher afirma sua vontade em não exercer a maternidade, os significados de natureza e do sagrado, partilhados como verdades para alguns sujeitos, faz com que esta escolha ainda seja compreendida como uma ofensa, uma negação à dádiva de poder gerar uma vida. Além disso, os textos e fotografias publicitárias sustentam esses significados a partir da experiência estética da barriga-grávida que se torna também um elemento de consumo simbólico.

Nas imagens mostradas, provenientes de ensaios fotográficos, a barriga-grávida aparece como signo dominante e, de acordo com Hoff (2004), em sua pesquisa sobre corpo e publicidade, os corpos que aparecem nas publicidades não são como os corpos do cotidiano, pois mesmo que exista a preocupação de retratar o real, os corpos publicitários são aprimorados esteticamente. “O público se reconhece – identifica-se – com o modelo do anúncio que, em algum de seus aspectos, o representa. O igual é real demais para chamar a atenção e comportar algum grau de persuasão” (HOFF, 2004, p.7).

Essa imagem estetizada do corpo desejado pode ser análoga à imagem da parturiente nos textos apresentados pela mídia. Mais do que nunca, a mulher grávida é submetida a requerer a gravidez da imagem presente nos discursos publicitários que ditam estilos de vida, reorganizam e redefinem formas de viver e relações sociais.

Segundo BRANDÃO, (2004, p.11). [...] “A linguagem enquanto discurso é interação e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia”, muitas vezes, construídas por meio de ritos. Turner (1974, 2005) e Schechner convergem e divergem quando falam dos ritos. Enquanto Turner interpreta os símbolos rituais, Schechner busca entender as memórias fluidas e em constante movimento.

Emídio (2011, P. 32), nos diz que [...] “os mitos representam a expressão manifesta de conteúdos inconscientes e latentes do ser humano”. Por meio de suas histórias seculares e verdadeiras, conseguimos contextualizar o mundo contemporâneo. Este é o espaço onde entra as doulas, uma nova profissão que continua o trabalho iniciado pelas parteiras que traduzem memórias ancestrais de mulheres que buscavam em outras mulheres, o apoio necessário para o momento do parto.

Este rito acontece quando a doula reconduz a mulher ao passado e a faz parir seguindo seus instintos primitivos, antes de ser realizada a primeira cesariana no mundo.

O empoderamento das mulheres passaria pelo resgate dos poderes e saberes femininos que o processo civilizatório teria eliminado ou submetido. Esses poderes estariam centrados na condição natural, biológica e instintiva da mulher, ou seja, a sua sexualidade, sua capacidade reprodutiva, seu instinto maternal. No entanto, há um reconhecimento de que é preciso aprender a resgatar esses saberes ancestrais, de onde a necessidade da didática do parir e do maternar (Tornquist, 2002, p. 489).

A maternidade como fenômeno humano promove estados mentais que podem ser aprofundados no âmbito da cultura e, por meio da linguagem e da mídia envolvem códigos, símbolos e histórias.

A descoberta da gravidez, o chá revelação para saber o sexo do bebê, o chá de fraldas, as fotos da barriga-grávida como um meio de comunicação, um corpo-mídia entre ela e os outros, a escolha do enxoval, a primeira roupinha do bebê, dentre tantos outros fenômenos, são rituais, linguagens pré-fabricadas para um auditório já estabelecido e fazem parte da grande indústria da maternidade.

### Referências bibliográficas

ARIZTÍA, Tomás. **Classes Médias e consumo**: três enfoques de leitura a partir da sociologia. In: COGO, Denise; ROCHA, Rose De Melo; HOFF, Tânia (Org.). *O que é consumo: comunicação, dinâmicas produtivas e constituição de subjetividades*. Porto Alegre: Sulina, 2016. P. 20.

BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). **Comunicação e Linguagens: discursos e ciência**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1998.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985

BLEICHMAR, Norberto M.; BLEICHMAR, Célia L. de. *A psicanálise depois de Freud*. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1992, p. 146.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução a análise do discurso*. 2.ed. Editora Unicamp, 2004.

ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

EMIDIO, Thassia Souza. **Diálogos entre feminilidade e maternidade**: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

---

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOLDENBERG, M (org.). **Nu e vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. São Paulo: Record, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Identidade**: objeto ainda não identificado? Estudos da Língua(gem). v.6, n.1, jun 2008, p.81-7. Disponível em: < <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/88/190> > Acesso em 20 dez. 2018.

HALBWACHS. Maurice, *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HADDAD, S. M. T.; CECECATTI, J. G. Estratégias dirigidas aos profissionais para a redução das cesáreas desnecessárias no Brasil. *Revista Brasileira de Ginecologia Obstétrica*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 5, p. 252- 262, maio 2011. doi: 10.1590/S0100-72032011000500008.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In SILVA, Tomaz, Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000. pp. 103- 133.

\_\_\_\_\_. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2016.

HOFF, Tania. **Corpos Discursivos**: dos regimes de visibilidade às biossociabilidades de consumo. Recife: Editora UFPE, 2016MAY, R. A Procura do Mito. São Paulo: Monole Ltda., 1992.

LOTMAN, Iuri. Acerca de la semiosfera. In: \_\_\_\_ . *La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Cátedra, 1996

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e realidade*, vol.20, n° 2, p.71-99, 1995.

REAÇÕES a vídeo de parto normal geram debate na internet. **Catraca Livre**. 22 maio 2018. Bem Estar. Disponível em: < <https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/video-de-parto-normal-debate-internet/> > Acesso em 02 jan. 2019.

RELATOS DE PARTO. Blog Relatos de Parto. Leila Brandão. Disponível em: < <https://relatosdeparto.com> > Acesso em 10 jan. 2019.

SCAVONE, Lucia. **A maternidade e o feminismo**: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*. Campinas-SP. n. 16, p.137-150, 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a08.pdf> > Acesso em 28 dez. 2018.

SCHECHNER, Richard. *Performance Studies: An Introduction*. Routledge, 2002. Págs. 45-78.

\_\_\_\_\_. *O que é performance?* Tradução de R.L. Almeida, publicado sob licença creativa commons, classe3. Abril de 2011. Do original em ingles SCHECHNER, Richard. *Performance studies: an introduccion, second edition*. New York & London: Routledge, 2002. p. 28-51.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. n.20 v.02, p.71-99, jul/dez, 1995.

---

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. **Me deixem decidir se quero ou não ser mãe:** narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade nas mídias sociais. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

TORNQUIST, C.S. 2002. **As armadilhas da Nova Era:** natureza e maternidade no ideário da humanização do parto. *Revista Estudos Feministas*, **10**(2):483-492.

TORNQUIST, C.S. 2004. **Parto e poder:** o movimento pela humanização do parto no Brasil. Florianópolis, SC. Tese de Doutorado em Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 376 p.

TURNER, Victor. O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura. São Paulo: Vozes, 1974.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, TOMAZ, Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. 9 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009. pp. 7-70.